

1ª Quinzena de
Abr./2015

BOLETIM AGROPECUÁRIO



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

CEPA

Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO
DE SANTA
CATARINA**

Secretaria da Agricultura
e da Pesca



Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Neiva Dalla Vecchia
Desenvolvimento Institucional

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Epagri/Cepa
Ilmar Borchardt



BOLETIM DE ECONOMIA RURAL nº 19

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Francisco Carlos Heiden
Luís Augusto Araújo
Luiz Marcelino Vieira
Márcia J. Freitas da Cunha Varaschin
Rogério Goulart Junior



Florianópolis
2015

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – Epagri

Rodovia Admar Gonzaga, 1.347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Internet: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – CEPA

Rodovia Admar Gonzaga, 1.486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Internet: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão

Elaboração

Francisco Carlos Heiden

Glaucia de Almeida Padrão

Luiz Marcelino Vieira

Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin

Reney Dorow

Rogério Goulart Junior

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho

Eugenio Moretti Garcia – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Marcia Mondardo

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa

Valdir Cembranel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Epagri/Cepa

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Epagri/Cepa - Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Centro de pesquisa da Epagri tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*, que reúne em um único documento as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina, anteriormente publicados por produtos.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isto, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos trinta dias. Em casos esporádicos poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos.

Além das informações por produtos, eventualmente poderão ser divulgados nesse documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados para o mercado.

O Boletim Agropecuário pretende se transformar em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios, fortalecendo sua relação com o mercado agropecuário, por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site do Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>, inclusive poderão ser resgatados as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

Sumário

Sumário	6
Artigo	7
O Agronegócio e as Exportações Catarinenses na Aurora do Século XXI Onde estamos e o que fazer?	7
Fruticultura	12
Banana.....	12
Grãos	15
Arroz	15
Feijão	19
Milho	24
Soja	26
Pecuária	28
Leite	28
Bibliografia citada	32

Artigo

O Agronegócio e as Exportações Catarinenses na Aurora do Século XXI Onde estamos e o que fazer?

Luís Augusto Araújo
Pesquisador do Epagri/Cepa
laraujo@epagri.sc.gov.br

“Embora os homens se vangloriem de seus grandes feitos, estes não são por vezes o resultado de seu desígnio, mas uma obra do acaso”
François de la Rochefaucauld

Em 2015, as perspectivas para o comércio exterior brasileiro e catarinense são ruins. A complexidade da conjuntura internacional, a queda dos preços das *commodities* iniciada no ano passado e as dificuldades de competitividade da indústria brasileira funcionará como um freio para as exportações do país em 2015, em que pese a alta do dólar. Como essas variáveis afetaram o desempenho do agronegócio nas exportações catarinenses nos últimos quinze anos? O que podemos fazer para ampliar nossas transações com o resto do mundo?

Na economia mundial não existe nação que apresente condições de produzir todos os bens de que necessita, o que origina a necessidade de se estabelecerem trocas entre si. As pessoas morando em Santa Catarina vendem coisas de todo o tipo a pessoas que não vivem aqui. As empresas que operam em nosso território e os seus residentes vendem produtos do agronegócio como soja, carnes de frango, carne suína, milho, madeira e obras de madeira, papel e papelão, erva mate, tabaco, sucos de fruta e banana, além de outros produtos como motores, geradores e compressores de ar, para residentes de outros países. Por outro lado, Santa Catarina compra petróleo bruto, autopeças, automóveis, óleos combustíveis, medicamentos, cloreto de potássio e outros itens de outros países.

Para Markwald (2015), o grau de abertura da economia brasileira diminuirá em 2015, reduzindo nossa integração à economia mundial. Prevê ainda que a corrente de comércio brasileiro deverá recuar pelo segundo ano consecutivo e ficar distante dos US\$ 482 bilhões alcançados em 2013.

O objetivo deste artigo é avaliar o desempenho do agronegócio nas exportações catarinenses neste início do século XXI e discutir o que pode ser feito para ampliar as transações com o resto do mundo. As avaliações e discussões desenvolvidas aqui se baseiam em dados históricos sobre o desempenho das contas externas de Santa Catarina e em revisão bibliográfica e documental sobre o tema.

O presente texto está organizado da seguinte forma: inicialmente é apresentada a base conceitual para a compreensão do papel do câmbio e do preço das *commodities* nas contas externas. Em seguida, são apresentados o comportamento da balança comercial catarinense e a participação dos produtos do agronegócio nas exportações catarinenses, ao longo dos anos do século XXI. Por fim, é discutido o que fazer para ampliar nossas exportações e melhorar nosso saldo comercial.

O câmbio e o preço das *commodities*

A frase de François de la Rochefaucauld, citada no início do artigo, nos faz refletir a importância dos deuses em algumas circunstâncias de nossa vida e, por que não dizer, de nossa economia.

Segundo Giambiagi (2012), as estatísticas da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior - FUNCEX mostraram um desempenho estonteante: (1) o índice de preços dos produtos básicos e do total das exportações pelo Brasil, quando se compara o ano de 2002 com o ano de 2011, respectivamente,

tiveram uma melhora acumulada de 273% e 163%; e (2) a evolução dos termos de troca, resultantes da divisão entre os índices de preços das exportações e o das importações de bens, também apresentaram uma melhora acumulada de 66%. No período de 2002 a 2011, não há como negar que o acaso jogou a nosso favor, como uma benção divina, na combinação índice de preços e relações de troca do Brasil com o resto do mundo.

Incluindo os anos subsequentes, Giambiagi (2014, p.70), verificou que o preço das nossas exportações saltou de um número base igual a 100, em 2002, para um número índice de 187, em 2013, ampliando ainda mais essa vantagem.

No mês de março de 2015, em plena sexta-feira 13, o dólar resolveu assustar mais que o dragão da inflação. Para Herédia (2015), logo na abertura do mercado ele ultrapassou a casa dos R\$ 3,20, desafiando investidores e a opinião pública. Alguns dias mais tarde, em 19 de março, o dólar alcançou sua maior cotação, R\$ 3,29.

Pastore (2015) lembra que quando falamos de câmbio real estamos nos referindo a um preço relativo, entre os bens comercializáveis e domésticos, e de câmbio nominal quando estamos nos referindo ao preço de um ativo financeiro. As movimentações do real com relação ao dólar americano, observadas recentemente, são forças que alteram o câmbio real quanto das que o movem como o preço de um ativo.

No mundo real, os dois conjuntos de forças ocorrem simultaneamente. De um lado, observamos a tendência à valorização do dólar. No contexto mundial atual, os rendimentos dos ativos financeiros dos Estados Unidos superam os da Europa e do Japão, atraindo capitais que promovem o fortalecimento do dólar diante de todas as demais moedas, inclusive o real. Segundo Pessoa (2015), partindo-se de uma base 100 em 2010, o câmbio real efetivo da cesta de moedas calculado pelo Banco Central saiu de 93 em junho de 2011 para 126 em janeiro de 2015, com desvalorização de 35%.

De outro lado, os preços internacionais das *commodities* foram pressionados para baixo pelo fortalecimento do dólar, pela desaceleração do crescimento da China e pelo persistente baixo crescimento da Europa e do Japão. Como resultado desse jogo de forças, o Brasil vê-se “obrigado” a ajustar seu déficit em contas correntes com uma maior depreciação do câmbio real.

A três anos atrás, Giambiagi (2012) observou:

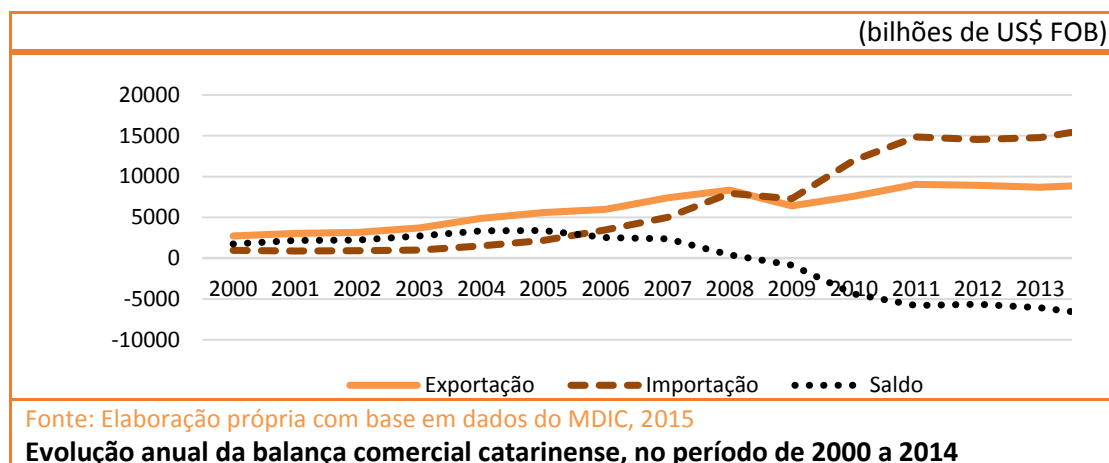
“Nos últimos anos o país tem se acomodado dessa bonança, deixando de trilhar o caminho das reformas e adotando uma série de políticas que estão longe de prepará-lo, adequadamente, para o dia que deixar de ser bafejado pela sorte recente. Quando o vento virar, essa “fatura” poderá ser cobrada”.

Nosso país, pelo menos no curto prazo, não mais poderá contar com a “bonança externa” dos preços de *commodities* e da ampliação do comércio mundial. Isso já era de se esperar, dado que o conjunto de fatores externos favoráveis não são eternos. Aliás, a depender dos sinais recentes de nossa economia, já estamos pagando essa “fatura”!

Balança comercial catarinense

Ao longo dos últimos anos, temos observado uma gradual deterioração de nossas contas externas, liderada pela piora da Balança Comercial, tanto do Brasil como de Santa Catarina.

O gráfico a seguir apresenta os dados relativos às exportações e importações de Santa Catarina entre os anos de 2000 e 2014, além da série histórica do saldo da balança comercial catarinense.



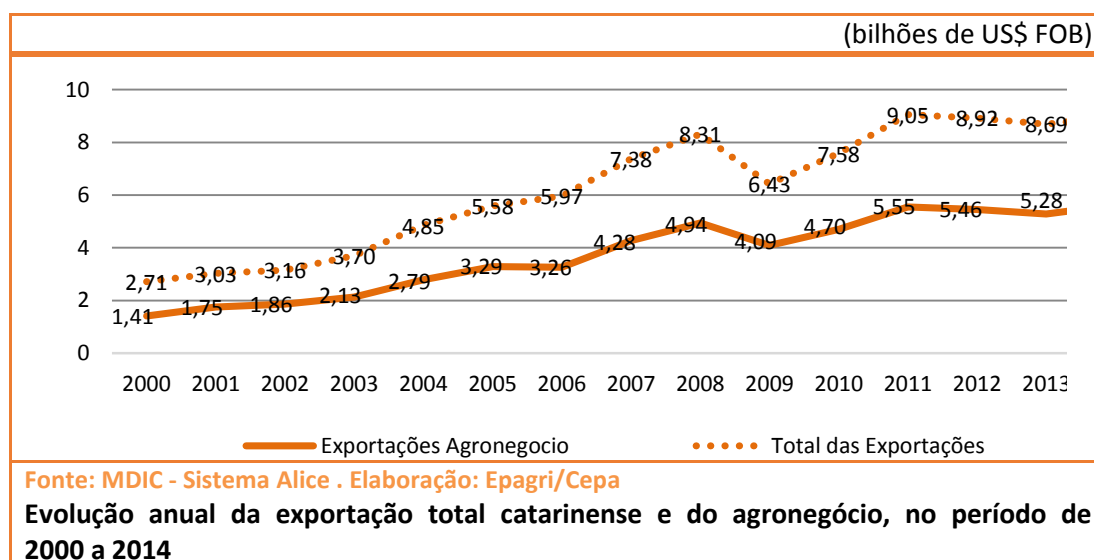
De um modo geral, as importações deram de goleada nas exportações catarinenses, em termos reais. O resultado só não foi igual daquele fatídico jogo contra a Alemanha, do 1 X 7, porque, como “Deus é brasileiro”, os preços das nossas exportações mitigaram um desastre maior.

Em 2014, as exportações catarinenses alcançaram o valor acumulado de US\$ 8,9 bilhões, o que significa um aumento de 3,44 % em relação ao ano anterior. Um ano antes, em 2013, os valores exportados por Santa Catarina corresponderam a 3,6% do total brasileiro, colocando o Estado na décima posição no ranking nacional das exportações.

No lado das importações, Santa Catarina importou em 2014 aproximadamente US\$ 16,0 bilhões, um aumento de 8,4% em relação a 2013. Com isso, o saldo da balança comercial em Santa Catarina foi negativo em US\$ 7,0 bilhões, o maior saldo deficitário já ocorrido no Estado.

O agronegócio nas exportações catarinenses

O passado recente mostra sinais do que pode acontecer num futuro próximo em relação a participação do agronegócio nas exportações catarinenses. Pela Figura 2, visualiza-se o comportamento do valor das exportações totais catarinense e do agronegócio, em particular, para o período de 2000 a 2014.



Em 2000, o valor das exportações totais de Santa Catarina foi de US\$ 2,7 bilhões alcançando o dobro de seu valor, US\$ 5,5 bilhões, no ano de 2005. O recorde foi em 2011, com US\$ 9,0 bilhões. Nos últimos três anos (2012, 2013 e 2014), as exportações totais catarinenses situaram-se em posição levemente inferior a este recorde, em torno de US\$ 8,9 bilhões.

As exportações do agronegócio apresentaram um desempenho relativamente melhor no período. No ano de 2000, suas exportações atingiram US\$ 1,4 bilhões, representando 52% das exportações totais catarinenses. Em 2008, fechou em valores próximos a US\$ 4,9 bilhões, representando 59% das exportações totais catarinenses. A partir de 2009, a participação das exportações do agronegócio em comparação com as exportações totais situa-se acima dos 60%, alcançando em 2014, 63%. Isto revela o dinamismo do agronegócio catarinense, por um período relativamente longo, que se estende até os nossos dias.

A dinâmica do agronegócio catarinense está relacionada ao aumento substancial das exportações. E, para o futuro, o que podemos fazer para manter esse bom desempenho?

O que fazer?

As atenções precisam se concentrar nas exportações quando o mercado doméstico está ruim e este, no momento atual, parece ser o caso. Para Mariano (2012, p. 61), visando conter a deterioração das contas externas, o governo brasileiro e/ou catarinense poderia adotar as seguintes medidas na balança comercial: (1) Ampliar as exportações por meio de estímulos e, ao mesmo tempo, reduzir importações com taxas e impostos sobre esses produtos que pudessem ser produzidos aqui; (2) Pressionar as empresas para promover processos de nacionalização de componentes na produção; e (3) Promover desvalorizações cambiais.

Para Giambiagi & Schwartzman (2014, p. 77), a solução para o problema da deterioração de nossa balança comercial ocorrerá somente no médio e longo-prazo e passa pela combinação de ações nas seguintes frentes:

- 1) Adotar uma política fiscal que não pressione tanto a demanda agregada e libere espaço, na composição do produto, para o aumento das exportações líquidas;
- 2) Mudar a estrutura tributária, para desonerar as exportações da carga tributária. Isto requer um controle do gasto público mais severo que aquele praticado nos últimos anos;
- 3) Adotar uma política de barateamento dos bens de capital, mediante redução de tarifas de importação, visando favorecer a incorporação de progresso técnico;
- 4) Aumentar a produtividade, com o foco das políticas públicas se deslocando do atendimento das demandas, que são sempre infinitas, e se voltem para a expansão da oferta;
- 5) Melhorar a infraestrutura e todo o complexo logístico, permitindo operar com custos condizentes às melhores práticas concorrenciais.

Existe um efeito cumulativo dos nossos problemas de competitividade. Na continuidade da piora da balança comercial, o Brasil enfrentaria dificuldades para atrair capitais estrangeiros e uma desvalorização mais abrupta, não deveria ser descartada.

Contini (2014, p. 171) analisou a importância das forças motrizes impulsionadoras das exportações brasileiras para médio e longo prazo. Apontou a necessidade do estudo de três *drivers*: (1) demográfico – análise das projeções da população mundial por regiões e países; (2) econômico – com enfoque no aumento da renda *per capita*; e (3) regulatório – análise das restrições ao livre comércio, como subsídios que distorcem o mercado.

É imprescindível ações privadas e políticas públicas para a melhoria da competitividade das cadeias produtivas do agronegócio e para a busca de novos mercados no exterior. O que não devemos fazer, contrapondo ao “o que devemos fazer”, é buscar uma suposta “agregação de valor” sem considerar se este processo irá adicionar valor e produtividade. Nem tão pouco devemos proteger determinados setores de baixa produtividade só porque seus produtos são mais “acabados”.

No longo prazo, o que de fato interessa não é o que Santa Catarina produz e exporta, mas sim como produz em relação aos seus concorrentes internacionais e, isto, decorre de inovação e de ganhos sistemáticos de produtividade.

É preciso mais densidade ao debate sobre o agronegócio e as exportações catarinenses nesta altura do século XXI, agregando os temas relacionados às lacunas do modelo de desenvolvimento brasileiro e catarinense. Dentre às lacunas, cabe citar: a educação; a produtividade; a poupança doméstica; a infraestrutura; e a promoção do gasto público eficiente e de qualidade.

Referências

CONTINI, Elísio. Exportações na dinâmica do agronegócio brasileiro: oportunidades econômicas e responsabilidade mundial. In: Antônio Márcio Buainain, Eliseu Alves, José Maria da Silveira, Zander Navarro (editores técnicos) **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2014, p. 149 – 173.

Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina – FIESC. Análise do comércio internacional catarinense. / Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina - FIESC. –Florianópolis: FIESC, 2014. 80 p.: il. color.

GIAMBIAGI, Fábio; SCHWARTSMAN, Alexandre. **Complacência: Entenda porque o Brasil cresce menos do que pode**. – 1. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

_____; PINHEIRO, Armando Castelar. **Além da euforia: riscos e lacunas do modelo brasileiro de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 266 p.

HERÉDIA, Thais. **Quem manda no dólar?** Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/blog/thais-heredia/post/quem-manda-no-dolar.html>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

MARIANO, Jeferson. **Introdução à economia brasileira**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

MARKWALD, Ricardo. **O cenário atual e o plano nacional de exportações**. Disponível em: http://www.funcex.org.br/publicacoes/rbce/material/rbce/122_EDITORIAL.pdf Acesso em: 13 abr., 2015.

PASTORE, Affonso Celso. **O câmbio e a política**. Disponível em: <[link:http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-cambio-e-a-politica-imp-,1659987](http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-cambio-e-a-politica-imp-,1659987)>. Acesso em: 13 abr., 2015.

PESSOA, Samuel. Ajuste completo só com *overshooting* cambial. **Conjuntura Econômica**, FGV/IBRE. Março de 2015. Vol. 69. Nº 3.

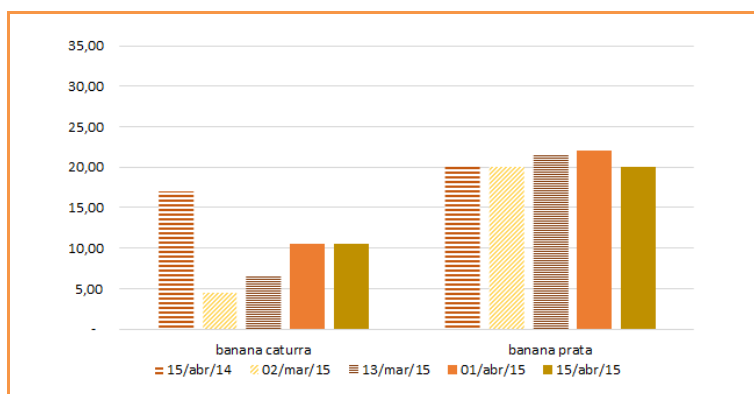
SANTOS, Chico. Efeito *commodities*. **Conjuntura Econômica**, FGV/IBRE. Março de 2015. Vol. 69. Nº 3.

Fruticultura

Banana

Luiz Marcelino Vieira
Economista Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Rogério Goulart Junior
Economista Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

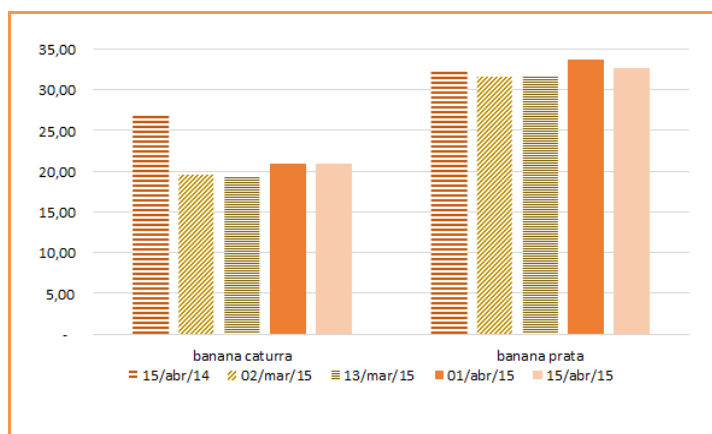


Fonte: Epagri/Cepa.

Banana - Evolução do preço diário ao produtor em Santa Catarina

Na primeira quinzena de abril de 2015, o preço da banana caturra permaneceu constante e a prata apresentou tendência de queda de 9%. Entre março e abril a caturra teve aumento no preço de 133% e a prata de 10%. Nos últimos trinta dias o preço da caturra aumentou 61,5% e a prata diminuiu 7%. Já, no acumulado de doze meses houve diminuição de 38% no preço da caturra e da banana prata permaneceu constante.

O preço no atacado, nos últimos trinta dias, apresentou tendência de aumento para a banana caturra de 8,6% e de 3% para a prata. Entre março e abril de 2015 houve aumento no preço da caturra em 6,8% e da prata em 6,3%. Já no período de doze meses houve diminuição no preço em 22% para a caturra e a prata apresentou leve aumento de 0,5%. Na primeira quinzena de fevereiro ocorreu pequena queda nos preços da prata em 3% e a caturra permaneceu constante.



Fonte: Epagri/Cepa.

Banana - Evolução do preço diário no atacado em Santa Catarina

Banana - Preço médio ao produtor (R\$/cx 20 a 22 kg) nas principais praças de Santa Catarina

Praça	Data		Variação (%)
	13/03/15	15/04/15	
Jaraguá do Sul			
Caturra	7,00	11,00	57,1
Prata	23,00	20,00	-13,0
Sul Catarinense			
Caturra	6,00	10,00	66,7
Prata	20,00	20,00	0,0

Fonte: Epagri/Cepa.

Banana - Preço médio no atacado (R\$/cx 18 a 20 kg) nas principais praças de Santa Catarina

Praça	Data		Variação(%)
	13/03/15	15/04/15	
Florianópolis (Ceasa)			
Caturra	18,00	20,00	11,1%
Prata	32,00	30,00	-6,3%
Jaraguá do Sul			
Caturra	20,00	22,00	10,0%
Prata	32,00	36,00	12,5%
Sul Catarinense			
Caturra	20,00	22,00	10,0%
Prata	32,00	36,00	12,5%

Fonte: Epagri/Cepa.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$/cx 21 kg)* nas principais praças do Brasil

Praça	Data		Variação(%)
	13/03/15	10/04/15	
Bom Jesus da Lapa			
Nanica	14,28	16,59	16,2
Prata	29,40	31,50	7,1
Norte de Minas Gerais			
Nanica	14,70	16,80	14,3
Prata	31,50	35,70	13,3
Vale do Ribeira			
Nanica	13,86	18,69	34,8
Prata	30,87	30,66	-0,7
Vale São Francisco			
Nanica	...	...	...
Prata	30,45	24,57	-19,3

(*) Preço médio em R\$/kg calculado para uma caixa de 21 kg.

Fonte: adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

No período entre março e abril, na Praça de Jaraguá do Sul, o preço médio ao produtor manteve a tendência de aumento para a caturra, enquanto a prata apresentou queda no período analisado.

No Sul Catarinense, o preço da banana prata manteve constante com tendência de leve queda,

e o da caturra mantém a tendência sazonal de recuperação. Com temperaturas mais amenas a oferta de banana tende a se manter baixa nas próximas semanas.

No atacado, o preço da caturra na Ceasa apresentou recuperação, enquanto o da prata sofreu leve queda.

A praça de Jaraguá do Sul segue tendência de aumento nos preços, tanto da caturra como da prata para o período.

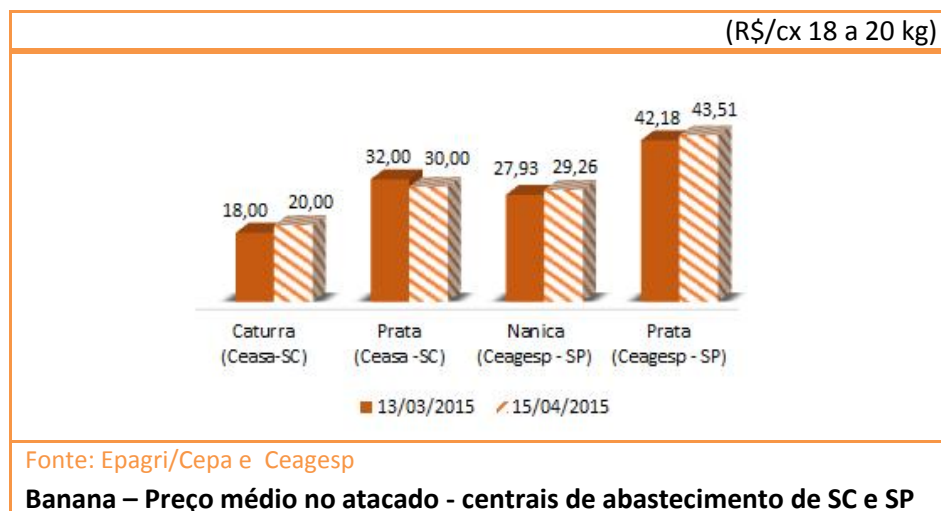
No Sul Catarinense a prata e a caturra seguem recuperando o preço no mercado.

Com menos dias para comercialização, devido aos feriados, o volume ofertado pode apresentar aumento relativo no próximo período analisado.

Nas principais praças, a banana nanica mantém a tendência de aumento nos preços, com a expectativa de manutenção na diminuição da oferta.

Nas regiões produtoras de Minas e do Nordeste, que sofrem com o período de estiagem, a nanica e a prata mantêm os preços no atacado devido à diminuição da oferta da fruta com qualidade exigida pelo mercado.

Nas principais centrais de abastecimento catarinense e paulista o preço da caturra/nanica segue em recuperação, enquanto o preço da prata apresenta expectativa de melhora a partir das próximas semanas.



Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2015 em relação à safra 2014

Santa Catarina - Principais Microrregiões com cultivo de Banana	Safra anterior – 2014 (Janeiro a Dezembro)			Estimativa inicial - 2015 (Janeiro a Dezembro)			Estimativa atual - 2015 (Janeiro a Dezembro)			Est. inicial / Safra anterior (%)		
	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (t/ha)	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (t/ha)	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (t/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Blumenau	4.503	136.155	30.236	4.503	136.176	30.241	4.503	136.155	30.236	0,0	0,0	0,0
Itajaí	3.992	115.227	28.864	3.992	115.227	28.864	3.992	115.227	28.864	0,0	0,0	0,0
Joinville	14.022	384.524	27.423	14.022	384.524	27.423	14.022	384.524	27.423	0,0	0,0	0,0
Araranguá	5.419	45.868	8.464	5.190	49.600	9.557	5.096	47.990	9.417	-6,0	4,6	11,3
Criciúma	1.504	19.105	12.703	1.503	20.249	13.472	1.490	20.263	13.599	-0,9	6,1	7,1
Tubarão	215	2.364	10.995	225	2.667	11.853	229	2.737	11.952	6,5	15,8	8,7
Total	29.655	703.243	23.714	29.435	708.443	24.068	29.332	706.896	24.100	-1,1	0,5	1,6

Fonte: IBGE/LSPA e Epagri/Cepa.

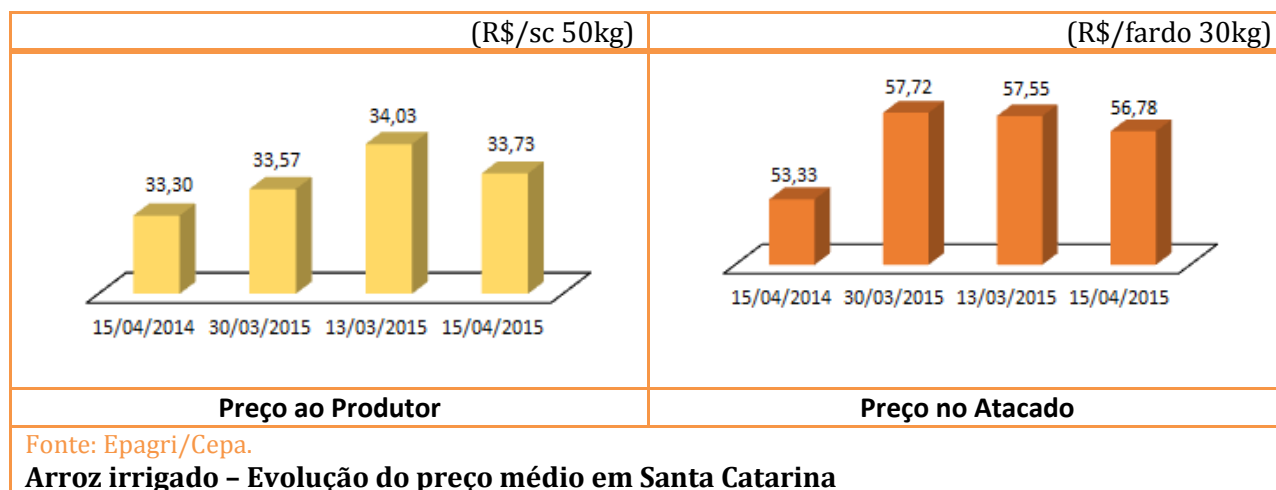
Grãos

Arroz

Luiz Marcelino Vieira
Economista Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Em 2014, os preços do arroz ao produtor e atacado se mantiveram praticamente estáveis ao longo do último ano. No comparativo da primeira quinzena de abril de 2015 com o mesmo período de 2014, observa-se que os preços subiram 1,29% ao produtor e 6,47% no atacado.

Tendo em vista que os preços vigentes no mercado do arroz são superiores aos preços mínimos, os produtores catarinenses continuam apostando em uma boa remuneração do produto negociado na temporada 2015/2016.



Arroz irrigado - Preço médio ao produtor nas principais praças de Santa Catarina – 2015

(R\$/sc 50kg)			
Praça	30/mar	15/abr	Var. Quinz. (%)
Jaraguá do Sul	33,00	33,00	0,00
Rio do Sul	33,00	33,00	0,00
Sul Catarinense	35,90	35,20	-0,98

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços ao produtor, na primeira quinzena de abril mantiveram inalterados nas Praças de Jaraguá do Sul e Rio do Sul e caíram levemente na Sul Catarinense.

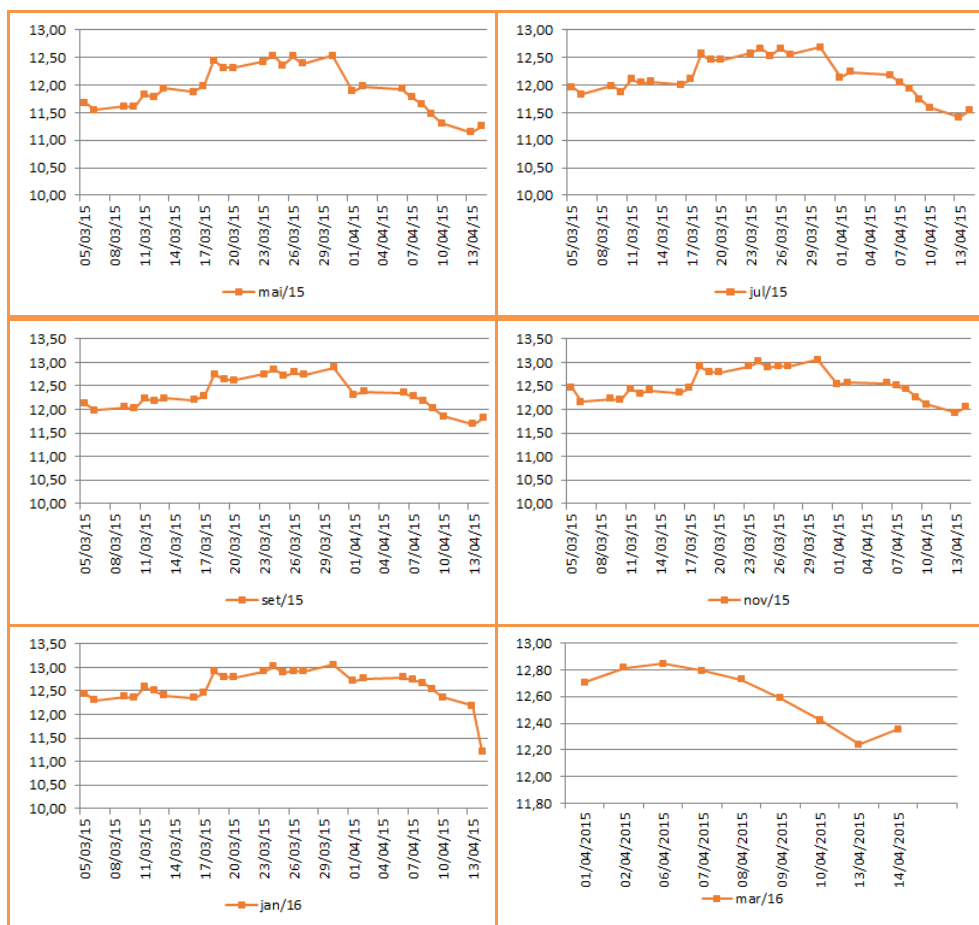
Arroz irrigado - Preço médio no atacado nas principais praças de Santa Catarina – 2015

(R\$/sc 30kg)

Praça	30/mar	15/abr	Var. Quinz. (%)
Jaraguá do Sul	56,00	56,00	0,00
Rio do Sul	58,75	56,75	-1,72
Sul Catarinense	58,40	57,60	-0,69

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços no atacado, na primeira quinzena de abril apresentam-se estáveis em Jaraguá do Sul e caem 1,72% e 0,69%, respectivamente nas Praças de Rio do Sul e Sul Catarinense.



Fonte: CBOT, cotação em 03/03/2015.

Arroz – Preço no mercado futuro

No mercado futuro, o preço do arroz em casca apresenta-se praticamente estável de 19 de fevereiro a 17 de março. No período de 18 a 30 de março eleva-se a cotação entre US\$ 12.50 e US\$ 13.00, mantendo-se estável nesse novo patamar. Na primeira quinzena de abril demonstra uma leve tendência de queda. A menor cotação negociada ocorreu em 13/04/15 para fechamento em maio de 2015 no valor de US\$ 11.14 a saca de 50 quilos do produto, enquanto a maior cotação negociada foi em 30/03/2015 prevista em US\$ 13.08 para fechamento em novembro de 2015 e janeiro de 2016.

Arroz irrigado – Preço ao produtor nas principais Praças do Rio Grande do Sul

(R\$/50 kg)

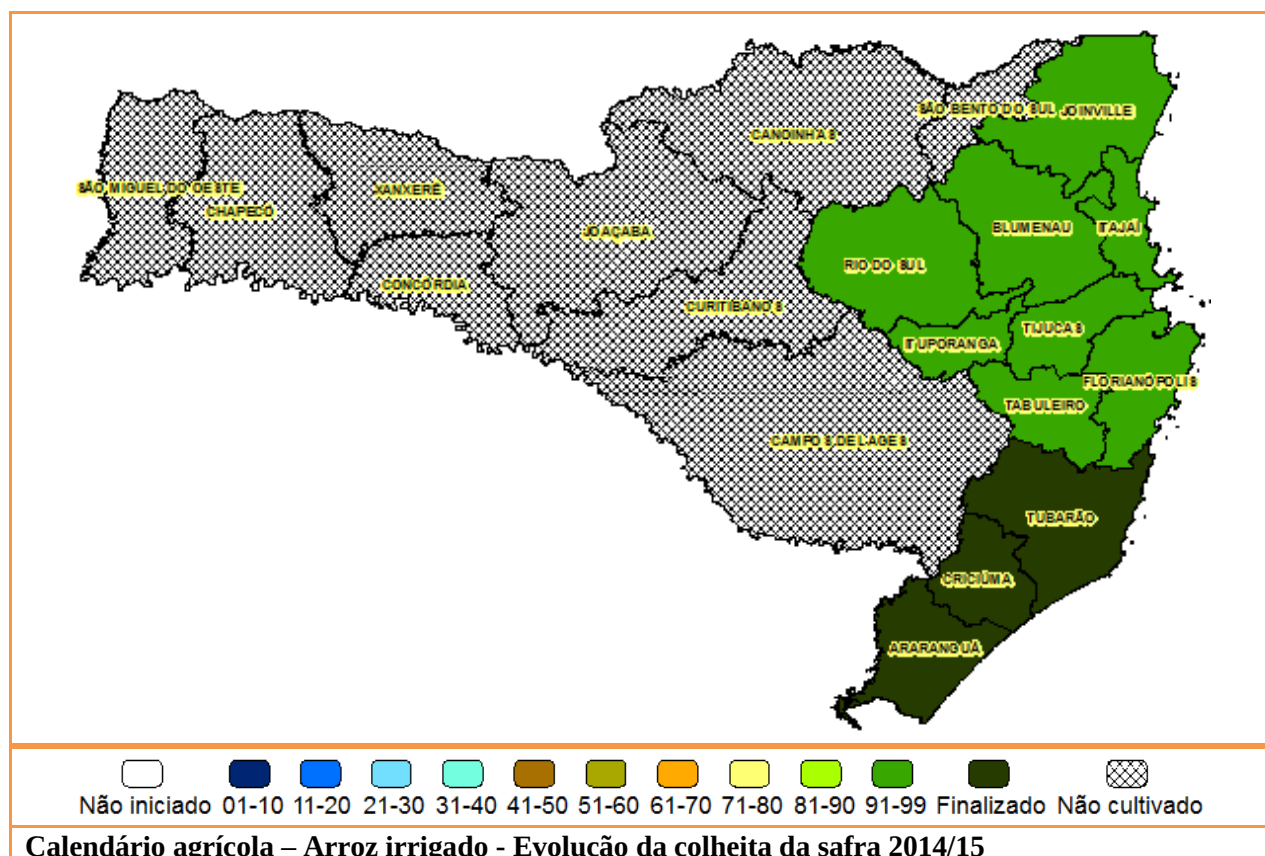
Praça	17/04/2015	27/03/2015	Var. Quinz. (%)
Alegrete	35,00	36,50	4,29
Bagé	35,00	35,00	0,00
Cachoeira do Sul	35,50	36,50	2,82
Jaguarão	37,80	37,80	0,00
Pelotas	35,50	35,50	0,00
São Borja	35,80	35,50	-0,84
Uruguaiana	34,50	36,50	5,80

Fonte: Emater/RS.

Arroz irrigado – Santa Catarina – Evolução da safra 2014/15

Microrregião	Estimativa inicial - Safra 2014/15			Estimativa atual - Safra 2014/15			Var.% (Estimativa atual/Estimativa inicial)		
	Área Plantada (ha)	Quant. Produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. Produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Ituporanga	286	2.958	10.343	286	2.275	7.955	0	-23,09	-23,09
Rio do Sul	10.898	89.418	8.205	10.955	86.682	7.913	0,52	-3,06	-3,56
Blumenau	8.235	65.600	7.966	8.235	65.600	7.966	0	0	0
Itajaí	9.283	69.430	7.479	9.283	69.864	7.526	0	0,63	0,63
Joinville	19.811	164.207	8.289	19.811	157.487	7.949	0	-4,09	-4,1
Araranguá	51.660	369.274	7.148	51.660	359.292	6.955	0	-2,7	-2,7
Criciúma	20.869	149.740	7.175	20.869	149.740	7.175	0	0	0
Tubarão	21.468	155.585	7.247	21.468	155.585	7.247	0	0	0
Tijucas ¹	2.690	20.644	7.674	2.690	20.300	7.546	0	-1,67	-1,67
Florianópolis ¹	3.110	17.336	5.574	3.110	17.336	5.574	0	0	0
Tabuleiro ¹	146	1.238	8.479	146	1.238	8.479	0	0	0
Santa Catarina	148.456	1.105.430	7.446	148.513	1.085.399	7.308	0,04	-1,81	-1,85

Fonte: Epagri/Cepa, ¹GCEA/SC.



Microrregião	% de área colhida	Part.% da produção (safra 2014/15)
Joinville	99	15,0
Blumenau	97	5,9
Itajaí	98	6,4
Florianópolis	98	1,6
Tijucas	96	1,9
Ituporanga	90	0,2
Rio do Sul	90	8,1
Tabuleiro	98	0,1
Tubarão	100	14,2
Criciúma	100	13,7
Araranguá	100	32,6
Santa Catarina	98,7	100,0

Fonte: Epagri/Cepa.

A colheita da safra catarinense 2014/15 de arroz caminha para o seu final alcançando 98,7% dos 148,5 mil hectares plantados. Os grãos colhidos são de boa qualidade sinalizando para uma produção de cerca de 1,085 milhão de toneladas, podendo cair entre 1% e 2% em relação às estimativas iniciais, devido à ocorrência de fatores climáticos, tais como granizo, chuva excessiva, temperaturas elevadas, excesso de umidade e ventos fortes, bem como de problemas fitossanitários, principalmente a brusone que acabaram influenciando, embora de forma localizada, na produtividade de algumas arrozeiras, trazendo danos financeiros para o setor.

Feijão

Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin
Economista MSC Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br

Preço ao produtor (Bolsa de Cereais)

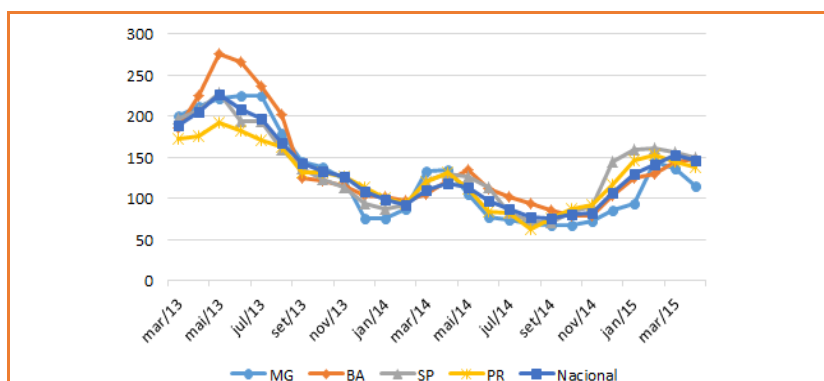
Tipo	16/03/15	15/04/15	Var. Mensal	Mercado
Carioca Extra novo	182,50	152,50	-16,44	↓
Carioca Extra	170,00	142,50	-16,18	↓
Carioca Especial	155,00	132,50	-14,52	↓
Carioca Comercial	142,50	120,00	-15,79	↓
Carioca Semi-novo	75,00	67,50	-10,00	↓
Preto Extra	147,50	142,50	-3,39	↓
Preto Especial	125,00	125,00	0,00	→

Fonte: <http://www.bdsp.com.br/Boletim.asp>.

O mercado de feijão continua em queda para todos os tipos.

Tal comportamento vem acontecendo há algum tempo, sobretudo para a variedade Carioca.

Nas principais estados produtores, o preço do feijão carioca continua em baixa. Por conta disso, em alguns estados, o produtor reduziu a área de plantio da safrinha de feijão.



Fonte: <http://www.agrolink.com.br/cotacoes/Historico>
Feijão Carioca - Preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Feijão - Preço médio ao produtor nas principais praças

Feijão Carioca - Preço ao produtor

Praça	16/03/15	15/04/15	Var. Mensal
Cornélio Procópio (PR)	140,00	140,00	0,00
Jacarezinho (PR)	170,00	140,00	-17,65
Unaí (MG)	145,00	115,00	-20,69
Caiapônia (GO)	160,00	160,00	0,00
Adustina (BA)	100,00	120,00	20,00
Itapetininga (SP)	136,78	136,78	0,00

Fonte: <http://www.agrolink.com.br/cotacoes/graos/feijao>

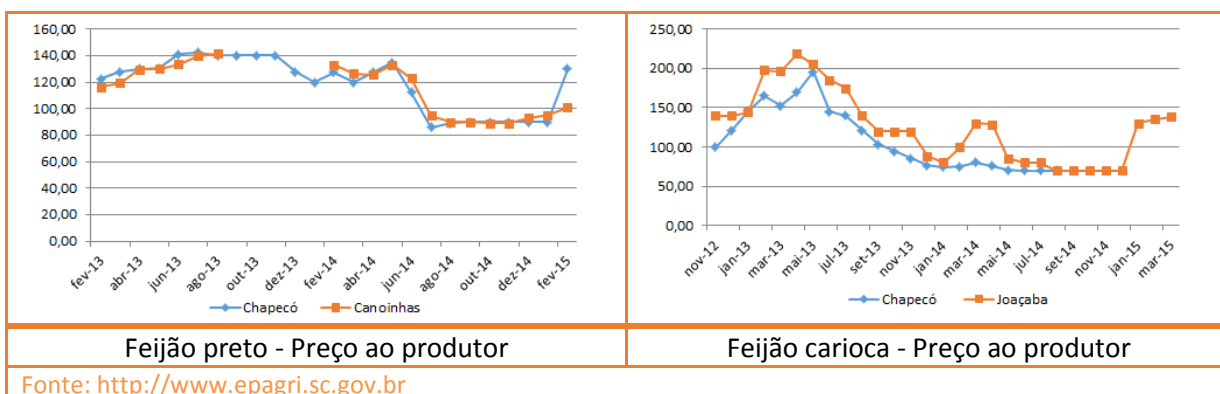
Feijão Preto - Preço ao produtor

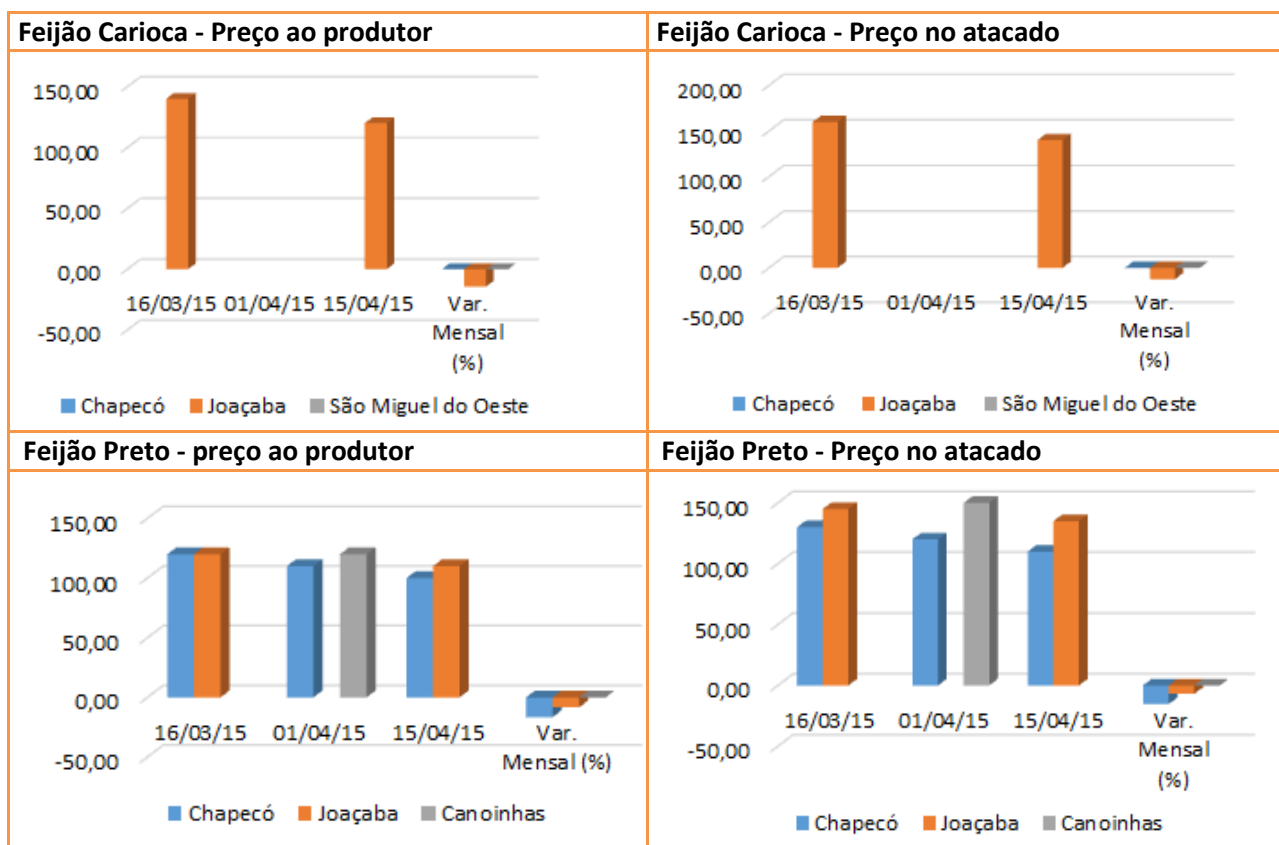
Praça	16/03/15	15/04/15	Var. Mensal
Apucarana (PR)	140,00	130,00	-7,14
Campo Mourão (PR)	118,83	116,40	-2,04
Cascavel (PR)	120,00	120,00	0,00
Guarapuava (PR)	121,67	110,00	-9,59
Canguçu (RS)	180,00	180,00	0,00
Santa Cruz do Sul (RS)	130,00	130,00	0,00

Fonte: <http://www.agrolink.com.br/cotacoes/graos/feijao>

Nas duas principais regiões produtoras de feijão preto no Estado - Chapecó e Canoinhas - os preços se comportam de maneira inversa. Na primeira estão em queda e, na segunda em alta.

Contudo, o preço final está em patamares semelhantes e, por se tratar de produto novo, com valores bem superiores aos praticados no final do ano passado.





Fonte: <http://www.epagri.sc.gov.br>

Feijão - Preço médio ao produtor nas principais praças de Santa Catarina

Feijão Carioca – Comparativo de safra 2013/14 e 2014/15

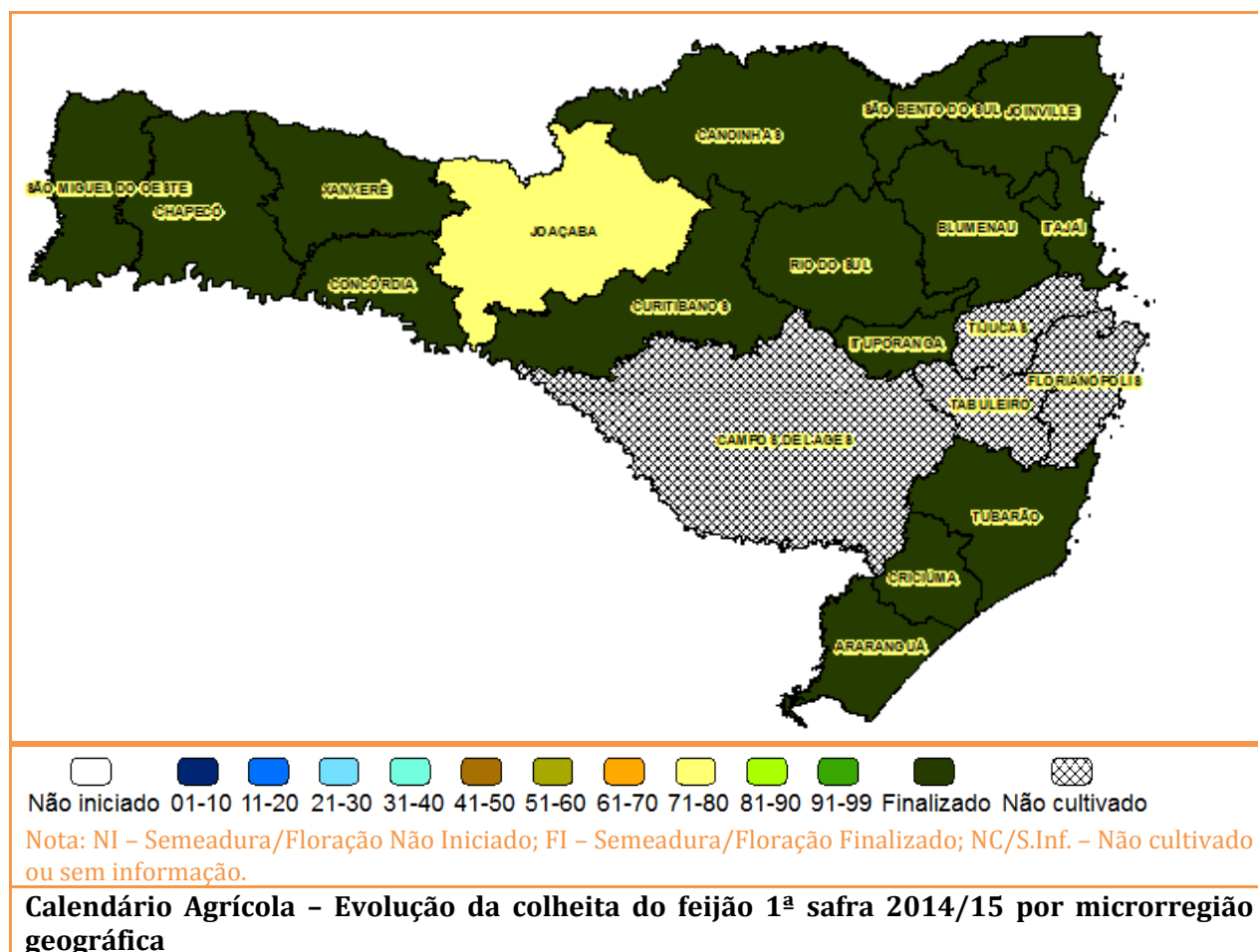
Microrregião	Safra 2013/14			Estimativa Safra 2014/15			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Total	49.121	84.994	1.730	42.887	73.217	1.707	-12,69	-13,86	-1,34
Joaçaba	5.908	9.216	1.560	4.880	7.568	1.551	-17,40	-17,89	-0,59
Chapecó	3.300	5.363	1.625	3.020	5.142	1.703	-8,48	-4,12	4,77
Canoinhas	6.120	12.222	1.997	6.200	10.602	1.710	1,31	-13,25	-14,37
SMO	2.100	3.745	1.783	1.900	3.263	1.717	-9,52	-12,87	-3,70
Xanxerê	5.075	11.069	2.181	4.970	11.165	2.246	-2,07	0,87	3,00
Curitibanos	21.355	36.439	1.706	17.185	29.367	1.709	-19,53	-19,41	0,15
Concórdia	591	606	1.025	591	594	1.005	0,00	-1,98	-1,98
Rio do Sul	957	1.320	1.379	766	1.085	1.416	-19,96	-17,80	2,69
Ituporanga	1.175	1.703	1.449	975	1.742	1.787	-17,02	2,29	23,27
São Bento do Sul	685	1.336	1.950	500	525	1.050	-27,01	-60,70	-46,16
Criciúma	611	663	1.085	625	731	1.170	2,29	10,26	7,79
Tubarão	1.122	1.192	1.062	1.153	1.308	1.134	2,76	9,73	6,78
Araranguá	122	120	984	122	125	1.025	0,00	4,17	4,17

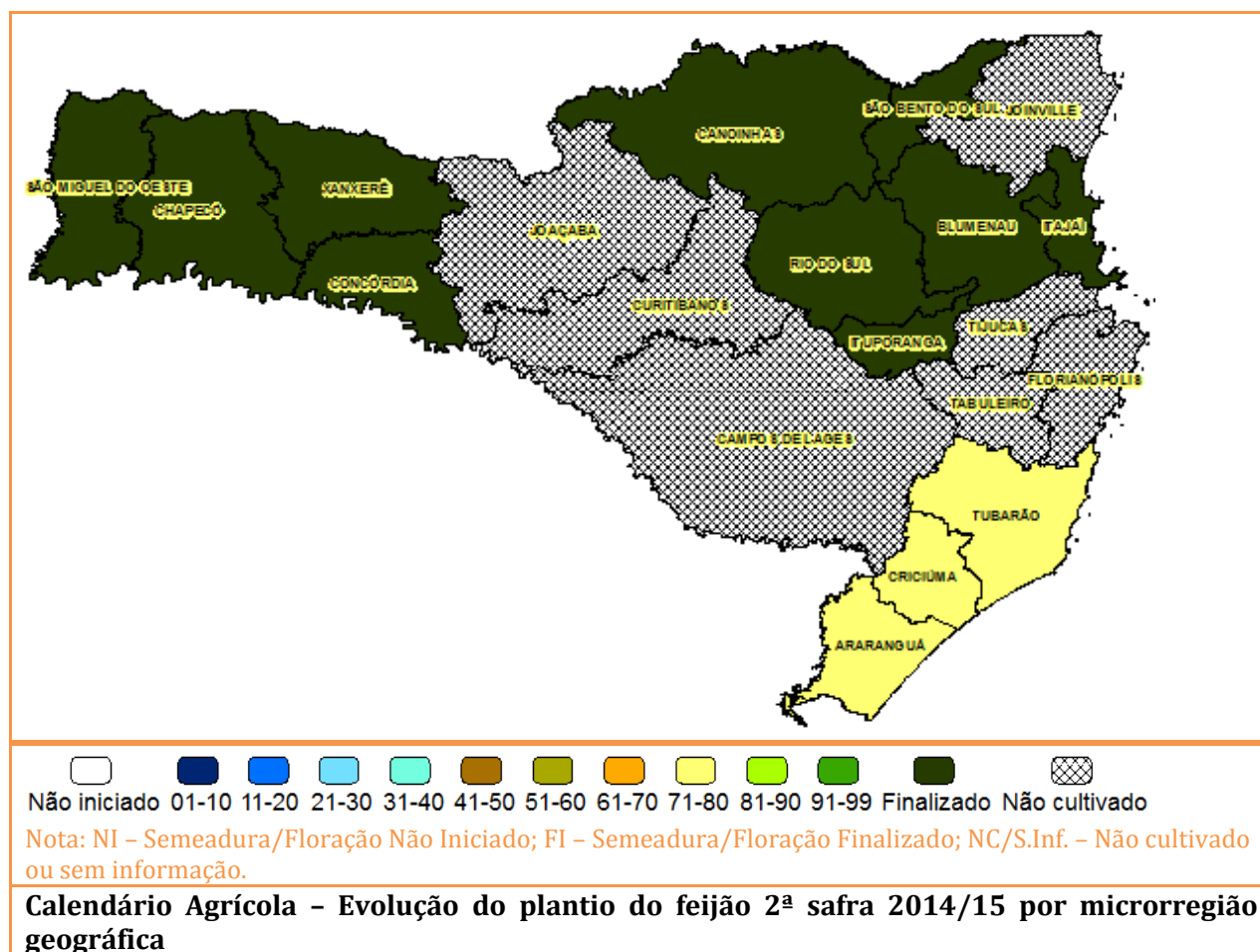
Fonte: Relatórios semanais enviados pelos técnicos

Feijão-Safrinha – Comparativo de safra 2013/14 e 2014/15

Microrregião	Safra 2013/14			Estimativa Safra 2014/15			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Total	24.528	35.312	1.440	22.322	33.905	1.519	-8,99	-3,98	5,51
Chapécó	3.879	5.979	1.541	3.518	5.579	1.586	-9,31	-6,69	2,88
Canoinhas	2.160	2.376	1.100	2.160	3.866	1.790	0,00	62,73	62,73
SMO	2.240	3.375	1.507	1.655	2.558	1.546	-26,12	-24,21	2,58
Xanxerê	6.400	11.370	1.777	6.371	12.077	1.896	-0,45	6,22	6,70
Concórdia	58	68	1.172	84	101	1.202	44,83	48,53	2,56
Rio do Sul	1.441	2.315	1.607	906	1.380	1.523	-37,13	-40,39	-5,19
Ituporanga	1.525	2.501	1.640	1.410	2.413	1.711	-7,54	-3,52	4,35
São Bento do Sul	20	18	900	20	24	1.200	0,00	33,33	33,33
Criciúma	2.905	3.077	1.059	2.905	2.349	809	0,00	-23,66	-23,66
Tubarão	2.715	3.111	1.146	2.286	2.602	1.138	-15,80	-16,36	-0,67
Araranguá	1.185	1.122	947	1.007	956	949	-15,02	-14,80	0,27

Fonte: Relatórios semanais enviados pelos técnicos

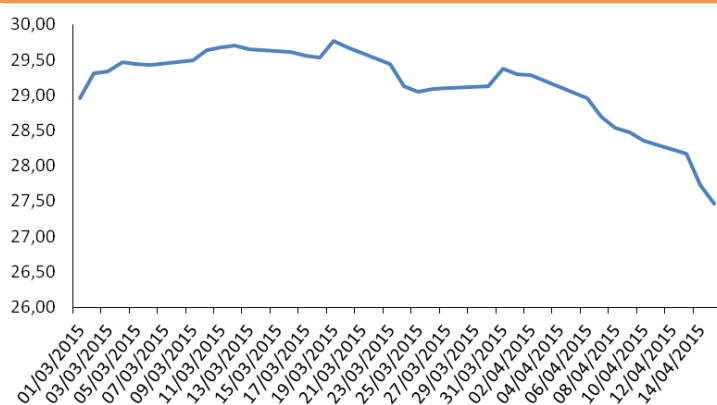




Milho

Francisco C. Heiden
Analista de mercado – Epagri-Cepa
heiden@epagri.sc.gov.br

Milho – Evolução do preço médio nacional ao produtor



Fonte: Cepea/Esalq.

Milho - Preço médio ao produtor nas principais regiões produtoras do Mato Grosso do Sul e Paraná

(R\$/sc 60kg)

Praça	31/03/2015	16/04/2015	Var. mensal. (%)
Lucas do Rio Verde	15,40	S/inf.	-
Sinop	14,80	S/inf.	-
Sorriso	15,00	S/inf.	-
Cascavel	22,00	21,00	-2,30
Londrina	20,80	20,30	-1,21
Maringá	20,80	20,30	-1,21
Ponta Grossa	24,50	25,00	1,02

Fonte: Imea/Deral.

Preço médio do milho ao produtor nas principais praças de Santa Catarina – 2014/2015

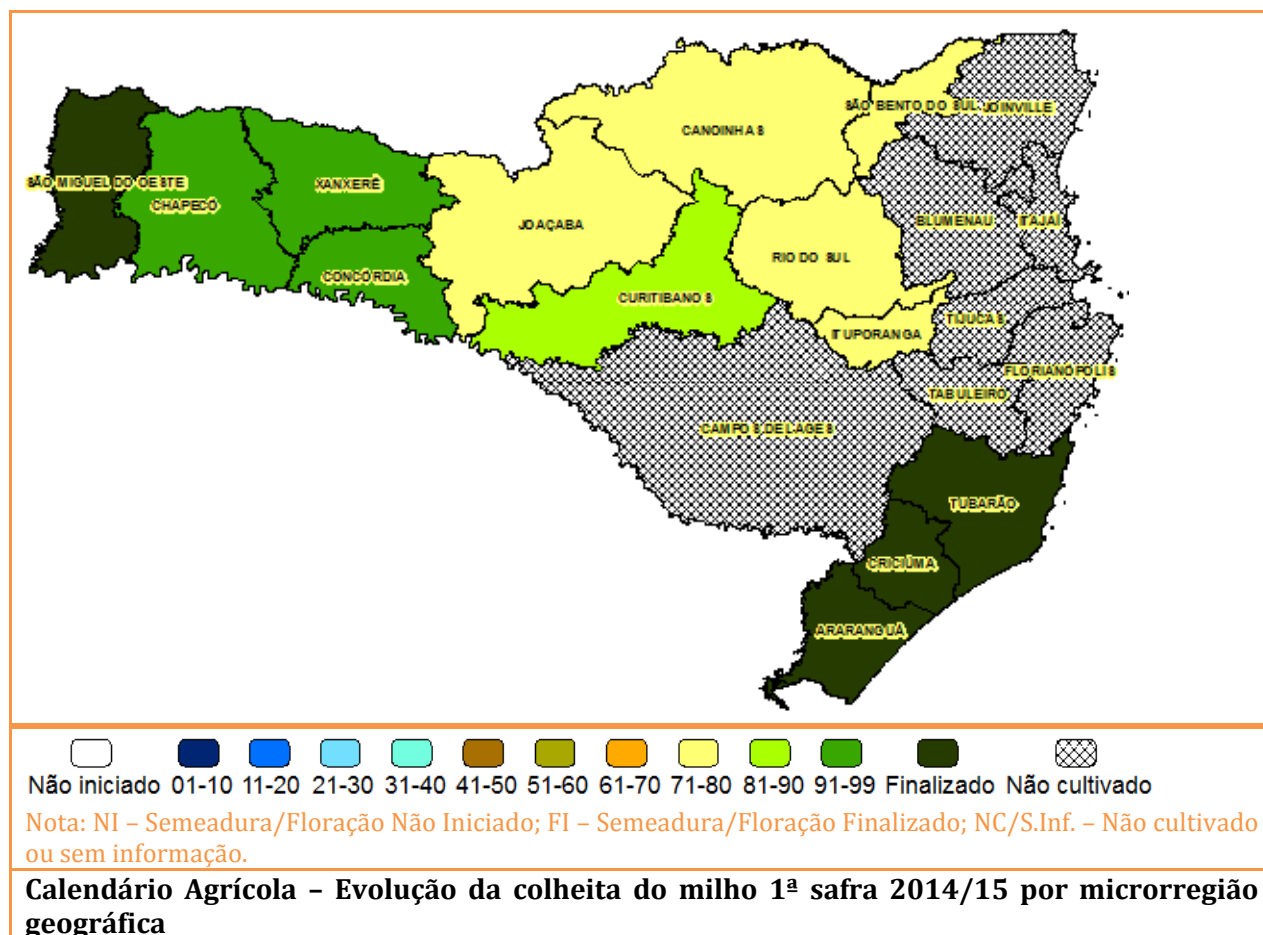
(R\$/sc 60kg)

Praça	31/03/2015	16/04/2015	Var. (%)
Canoinhas	24,00	23,50	-1,05
Chapecó	24,50	23,00	-3,11
Joaçaba	S/Inf.	24,00	-
Rio do Sul	24,42	23,90	-1,07
Sul catarinense	24,30	24,00	-0,62
São Miguel do Oeste	24,50	23,00	-3,11

Fonte: Epagri/Cepa.

Os sinais de recuperação dos preços observados na quinzena anterior retrocedeu. No Paraná os preços do milho na primeira quinzena de abril, tiveram queda de preços nas principais regiões produtoras. Em Ponta Grossa o preço médio subiu cinquenta centavos.

Em Santa Catarina os preços também tiveram queda generalizada. Na regiões de Chapecó e São Miguel do Oeste a redução de preço na quinzena foi de R\$ 1,50 por saco.



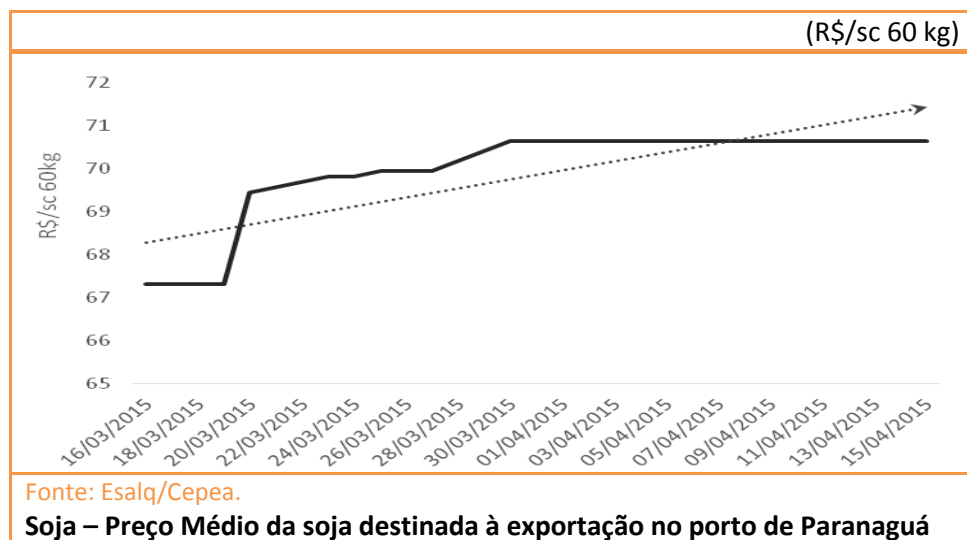
Milho 1ª safra – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2014/15

Microrregião	Safr 2013/14 (1ª safra)			Estimativa Atual Safr 2014/15 (1ª safra)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Total	436.165	3.219.967	7.382	411.183	3.108.511	7.560	-5,73	-3,43	2,44
Araranguá	3.295	16.310	4.950	3.749	19.056	5.082	13,78	16,84	2,67
Canoinhas	46.150	406.905	8.817	40.000	358.520	8.963	-13,33	-11,89	1,66
Chapecó	68.227	589.671	8.643	68.320	550.681	8.060	0,14	-6,61	-6,75
Concórdia	31.368	285.213	9.092	34.750	235.966	6.790	10,78	-17,27	-25,32
Criciúma	5.572	27.903	5.008	5.788	31.284	5.405	3,88	12,12	7,93
Curitibanos	36.350	236.406	6.504	27.258	230.412	8.453	-25,01	-2,54	29,97
Ituporanga	8.540	34.520	4.042	7.658	47.204	6.164	-10,33	36,74	52,50
Joaçaba	69.725	557.452	7.995	62.877	485.683	7.724	-9,82	-12,87	-3,39
Rio do Sul	20.885	107.058	5.126	22.529	127.321	5.651	7,87	18,93	10,24
São Bento do Sul	6.400	40.320	6.300	6.000	39.210	6.535	-6,25	-2,75	3,73
S. Miguel do Oeste	52.350	352.490	6.733	49.000	363.990	7.428	-6,40	3,26	10,32
Tubarão	5.075	24.794	4.886	4.943	26.150	5.290	-2,60	5,47	8,27
Xanxerê	35.930	340.246	9.470	34.530	328.216	9.505	-3,90	-3,54	0,37
Outros	46.298	200.679	4.335	43.781	264.818	6.049	-5,44	31,96	39,54

Fonte: Epagri/Cepa.

Soja

Francisco C. Heiden
Analista de mercado – Epagri-Cepa
heiden@epagri.sc.gov.br



O indicador de preço médio da soja destinada à exportação continuou apresentando tendência de aumento nos últimos dias, porém, o mercado está atento ao comportamento do câmbio brasileiro, se o dólar continuar perdendo valor o cenário muda.

Soja - Preço médio ao produtor nas principais regiões produtoras do Paraná e Mato Grosso do Sul

(R\$/sc 60 kg)				
Praça	31/03/2015	16/04/2015	Var. (%)	Mercado
Lucas do Rio Verde	54,25	-	-	-
Primavera do leste	58,70	-	-	-
Sinop	54,00	-	-	-
Sorriso	54,50	-	-	-
Cascavel*	60,50	56,50	-3,36	↓
Londrina*	60,50	56,50	-3,36	↓
Maringá*	60,50	56,50	-3,36	↓
Ponta Grossa*	64,50	64,00	-0,39	↓

Fonte: ¹IMEA, ²DERAL/SEAB.

A desvalorização do dólar diante do Real nos últimos dias fez os preços da soja retroceder. No Paraná, nas regiões de Cascavel, Londrina e Maringá os preços reduziram 3,4%. Em Santa Catarina a queda dos preços ao produtor baixou mais de quatro por cento na primeira quinzena de abril/2015.

Soja - Preço médio ao produtor nas principais praças de Santa Catarina

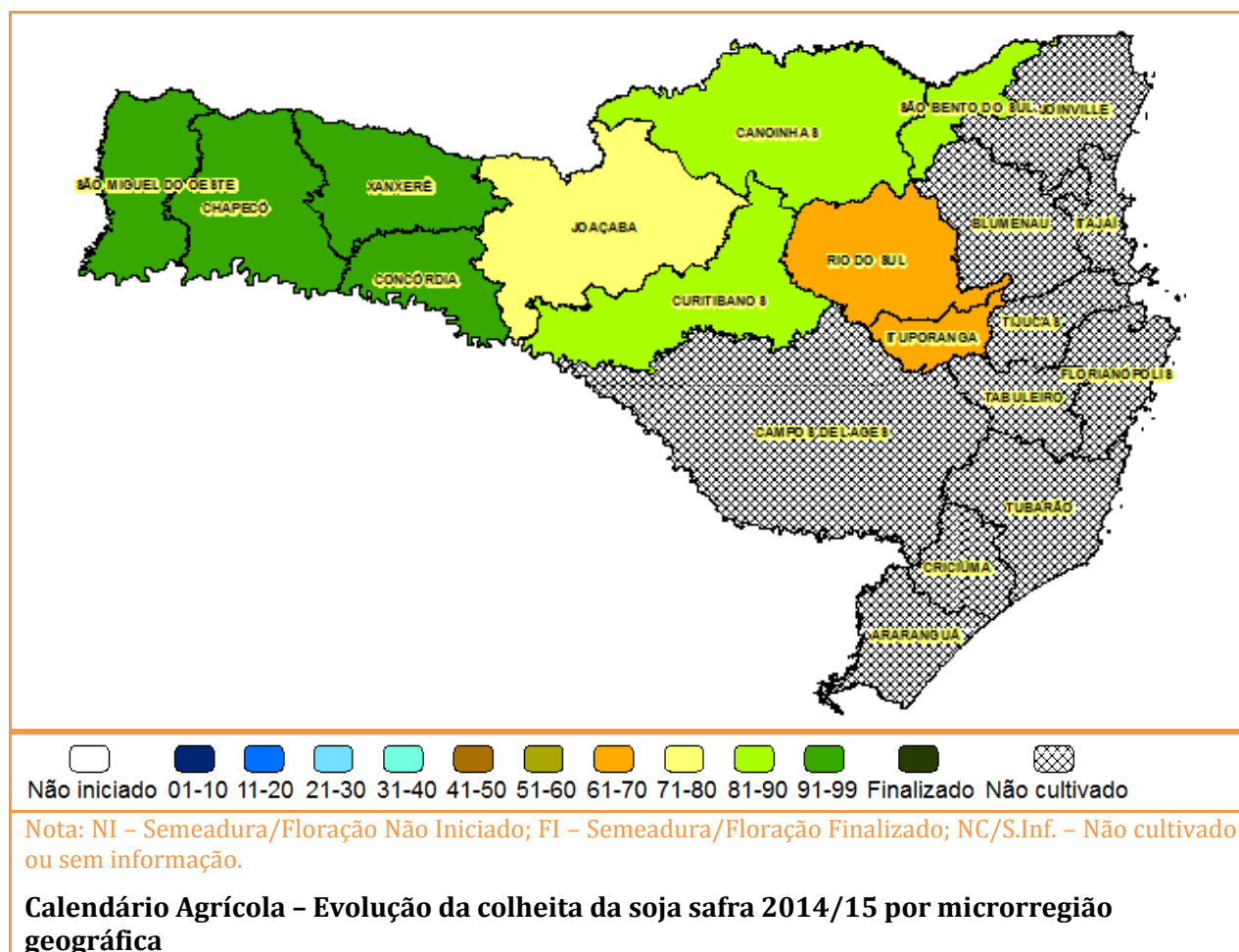
(R\$/sc 60 kg)				
Praça	31/03/2015	16/04/2015	Var. (%)	Mercado
Canoinhas	61,00	58,50	-4,10	↓
Chapecó	61,00	58,50	-4,10	↓
Joaçaba	61,55	59,00	-4,14	↓
São Miguel do Oeste	61,00	58,00	-4,92	↓

Fonte: ¹IMEA, ²DERAL/SEAB

Soja – Santa Catarina – Acompanhamento de safra

Microrregião	Safra 2013/2014			Estimativa atual Safra 2014/2015			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Total	553.727	1.698.170	3.067	578.426	1.799.734	3.111	4,46	5,98	1,45
Canoinhas	120.000	407.280	3.394	125.400	434.887	3.468	4,50	6,78	2,18
Chapecó	79.910	200.668	2.511	81.090	207.677	2.561	1,48	3,49	1,99
Concórdia	3.115	9.024	2.897	3.115	9.024	2.897	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	78.860	291.258	3.693	88.301	314.142	3.558	11,97	7,86	-3,67
Joaçaba	47.293	169.178	3.577	53.671	189.575	3.532	13,49	12,06	-1,25
São Bento do Sul	9.300	29.286	3.149	9.800	31.948	3.260	5,38	9,09	3,52
São Miguel do Oeste	35.840	72.065	2.011	36.810	89.169	2.422	2,71	23,73	20,46
Xanxerê	130.600	391.338	2.996	131.430	395.238	3.007	0,64	1,00	0,37
Outros	48.629	127.729	2.627	48.809	128.073	2.624	0,37	0,27	-0,12

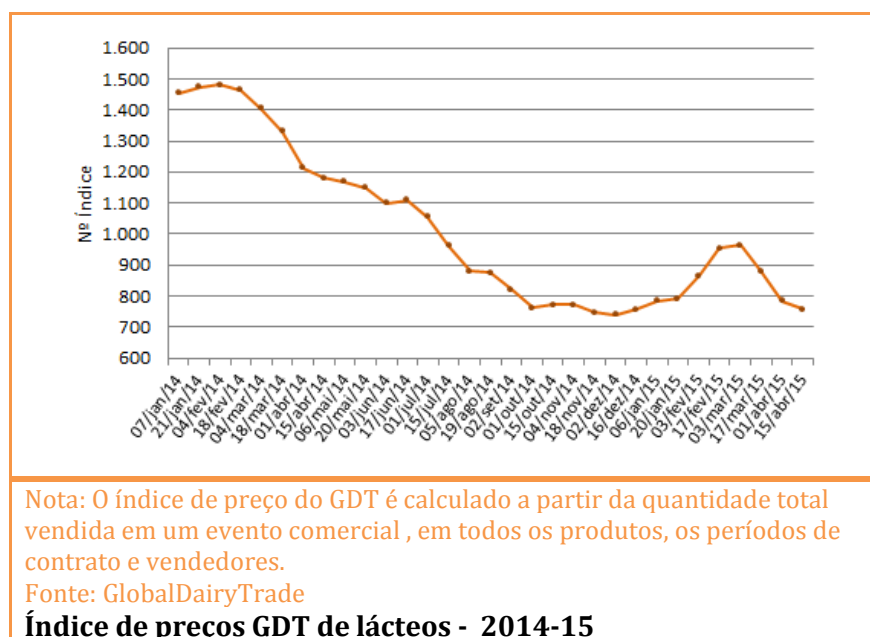
Fonte: Epagri/Cepa.



Pecuária

Leite

Francisco C. Heiden
Analista de mercado – Epagri-Cepa
heiden@epagri.sc.gov.br



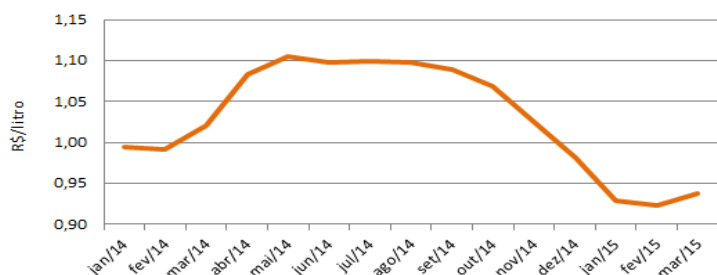
O índice de preço da GDT de lácteos teve a terceira queda consecutiva, depois da lenta recuperação dos preços nos primeiros leilões realizados em 2015.

A alta volatilidade das cotações no mercado internacional está associada às incertezas, principalmente as relacionadas com a oferta da matéria-prima neste ano.

GDT - Preço médio ponderado e variação do índice dos principais lácteos - 15/04/2015

Discriminação	Média dos lácteos	Leite em pó integral	Leite em pó desnatado	Manteiga	Queijo Cheddar
Preço médio ponderado US\$/t - FOB NZ	-	2.446	2.253	3.026	2.888
Variação do índice GDT (em relação ao leilão anterior)	-3,6%	-4,3%	-7,8%	-6,6%	2,7%

Fonte: GlobalDairyTrade



Nota: Preço com frete e INSS incluso; o preço do mês se refere ao leite entregue no mês anterior.

Fonte: Cepea.

Leite - Evolução do preço médio nominal ao produtor no Brasil-2014-15

Leite resfriado - Preço médio nominal ao produtor, nos principais estados produtores

Mês / ano	R\$/litro							
	MG	RS	SP	PR	GO	BA	SC	Brasil
jan/15	0,9325	0,9062	0,9833	0,9241	0,9030	0,9910	0,8947	0,9292
fev/15	0,9444	0,8895	0,9631	0,9054	0,8934	0,9792	0,8737	0,9226
mar/15	0,9511	0,8936	0,9699	0,8984	0,9581	0,9790	0,9030	0,9376

Nota: Preço com frete e INSS incluso; o preço do mês se refere ao leite entregue mês anterior.

Fonte: Cepea.

Teve início a temporada de aumento dos preços do leite pago ao produtor no Brasil. O preço médio do leite resfriado, nos sete principais estados produtores aumentou 1,6% em março de 2015.

Nos principais estados produtores, o preço médio de março de 2015 teve maior aumento em Goiás (7,2%) e Santa Catarina (3,4%). Em Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul o aumento dos preços médios foi inferior a um por cento e nos estados do Paraná e Bahia houve queda dos preços. A informação é do Cepea.

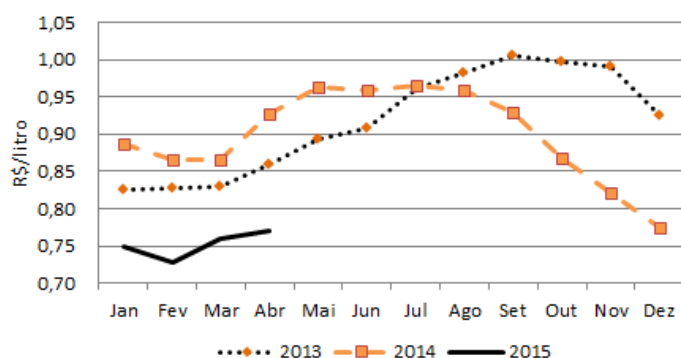
No mercado atacadista de Santa Catarina o preço médio do leite longa vida (UHT) teve aumento de 28,3% em março/2014 e permaneceu estável na primeira quinzena de abril/2015.

Os queijos muçarela e prato, também tiveram alta em março (7,7%). Na primeira quinzena de abril/2015 os preços médios do queijo muçarela e prato subiram, aproximadamente, 2,3% em relação ao preço médio de março/2015.

Preço médio de produtos lácteos, no mercado atacadista, em Santa Catarina - 2015

Mês/Ano	Leite UHT	Leite pasteurizado	Manteiga extra	Queijo mussarela	Queijo prato
	R\$/litro	R\$/litro	R\$/200g	R\$/kg	R\$/kg
Jan	1,58	1,34	2,60	12,15	12,15
Fev	1,73	1,38	2,63	11,84	11,92
Mar	2,05	1,49	2,76	12,59	12,68
Abr	2,16	1,53	2,87	12,83	12,91
Mai	2,09	1,54	2,89	13,74	13,89
Jun	2,12	1,55	2,89	13,83	13,93
Jul	2,14	1,57	2,89	13,75	13,82
Ago	2,19	1,59	2,92	13,68	13,75
Set	2,13	1,57	3,07	13,16	13,23
Out	1,94	1,55	3,14	12,37	12,53
Nov	1,78	1,49	3,15	12,18	12,24
Dez	1,71	1,48	3,15	12,40	12,45
Jan	1,59	1,45	3,15	12,28	12,28
Fev	1,66	1,48	3,17	11,92	11,97
Mar	2,13	1,56	3,17	12,84	12,89
14/04/2015	2,13	1,63	3,17	13,14	13,18

Fonte: Epagri/Cepa.



Preço corrigido (IPG-DI - Dez/14).

Fonte: Epagri-Cepa

Preço médio do leite pago ao produtor nas principais regiões produtoras de Santa Catarina, no período de pagamento do produto entregue no mês anterior - 2013-15

O preço médio do leite resfriado pago ao produtor catarinense continua se recuperando da queda generalizada, que teve no período de setembro de 2014 até fevereiro/2015. E em abril/2015, o preço em Santa Catarina teve aumento de 1,3%, com preço médio de R\$ 0,77/litro. Nas principais regiões produtoras do estado os preços mais comuns variaram entre R\$ 0,75 a R\$ 0,85 por litro de leite, posto na propriedade rural e com o INSS incluso.

Preço de referência do leite resfriado em Santa Catarina

(R\$/litro)

Matéria-prima	Valores finais Fev./15	Valores finais Mar./15	Variação (Mar. – Fev.)
I - Leite acima do padrão	0,9046	0,9906	0,0860
II - Leite Padrão	0,7866	0,8614	0,0748
III - Leite abaixo do padrão	0,7151	0,7831	0,0680

Matéria-prima	Valores finais Mar./15	Valores Projetados Abr./15	Variação (Abr. – Mar.)
I - Leite acima do padrão	0,9906	1,0234	0,0328
II - Leite Padrão	0,8614	0,8899	0,0285
III - Leite abaixo do padrão	0,7831	0,8090	0,0259

Preço do leite posto na propriedade e com o INSS incluso.

Fonte: Conseleite/SC.

O preço médio de abril de 2015 em termos reais é 16,8% inferior ao preço registrado em abril de 2014, quando o preço médio foi de R\$ 0,93 /litro.

O preço de referência do Conseleite/SC, com base nos preços dos lácteos no atacado, no primeiro decêndio de abril/2015, projeta um aumento de quase três centavos para o leite padrão entregue neste mês.

Bibliografia citada

ABIMILHO – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DO MILHO. Oferta e demanda do milho do Brasil. Disponível em: <http://www.abimilho.com.br/estatistica>. Acesso em: 25 jun. 2014.

ABPA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. Produção brasileira de carne suína – 204 A 2012. 2014. Disponível em: http://www.abipecs.org.br/uploads/relatorios/mercado-interno/producao/Producao_2012.pdf. Acesso em: 25 jun. 2014.

AMORIM, C. (2010). Existe realmente o BRIC? **Revista Economia Exterior**. Espanha: ed.52, primavera de 2010.

BARBOSA, P. B.; DE LIMA, G. J. M. M.; FERREIRA, A. S. **Estimativa da quantidade de ração necessária para produção de um suíno com 100 kg de peso vivo**. Comunicado Técnico, 133. Embrapa - Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves, p. 1-3. Março, 1988. Disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/58898/1/CUsersPiazzonDocuments133.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2014.

CEPA – CENTRO DE SOCIOECONOMIA E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA. **Preços médios mensais de produtos agrícolas recebidos pelos agricultores em SC**. Junho de 2014. Disponível em: http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/produtos/precos/Precos_recebidos_sc_2014.xls. Acesso em: 20 jun. 2014.